

## **SÓ TEM GUERRAS, FOME E TRIBOS PRIMITIVAS: A ÁFRICA ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO FANTASMA, TINTIM E SOLDADO DESCONHECIDO.**

Ivaldo Marciano de França Lima.<sup>1</sup>

Longe de se constituírem em objetos de mera diversão, destituído de opiniões, posições políticas e representações diversas, as revistas em quadrinhos devem ser entendidas como resultados das sociedades que as produziram, e são, com certeza, muito mais do que “coisa para criança”.<sup>2</sup> Instrumentos poderosos na propagação de representações, durante muito tempo as Histórias em Quadrinhos foram relegadas ao lugar do inocente e pueril, como se não trouxessem consigo as marcas dos seus criadores.<sup>3</sup> Estes, como qualquer ser humano, possuem interesses, que são postos no processo de criação do desenho, ou do roteiro que irá nortear determinada história.<sup>4</sup>

Mediante as novas tendências nas Ciências Humanas de um modo geral, desde as mudanças de paradigmas em relação à apreensão do “real”, bem como as discussões e estudos em que o alargamento do conceito de fonte se constituiu em fato, sobretudo com o advento da Nova História Cultural, não há nenhuma dificuldade de caráter epistemológico, ou mesmo filosófico em se estabelecer as Histórias em Quadrinhos como fonte válida para o conhecimento histórico. São as Histórias em Quadrinhos, no dia a dia, em diversos espaços sociais, que constroem diferentes representações sobre os mais variados assuntos. Representar não é um ato inocente, destituído de posições políticas, conforme define Chartier:

(...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representação têm

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Educação, colegiado de História, UNEB, campus II (Alagoinhas).

<sup>2</sup> Sobre o debate em torno dos quadrinhos como fonte e objeto de estudo, ou mesmo como um meio para o ensino, ver: (VERGUEIRO, 2004; VERGUEIRO; RAMOS, 2009; SILVA, 2002).

<sup>3</sup> Uma boa maneira de se refletir sobre a produção dos quadrinhos, confrontando-os com os interesse de seus autores pode ser vista em: (MOYA, 1986).

<sup>4</sup> As histórias em quadrinhos devem ser vistas como resultado de um complexo processo do qual fazem parte diferentes etapas. É, antes de tudo, uma poderosa forma de se transmitir representações sobre as mais diferentes questões que digam respeito ao ser humano de modo geral. Sobre os quadrinhos, seus processos de criação, perspectivas de montagem e produção, bem como conceitos sobre sua definição, ver: (EISNER, 2010; MCCLOUD, 2006; 2008; S/D).

tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações e delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas – muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990: 15).

Nesse sentido, representar alguma coisa não deve ser visto como algo ingênuo. As representações constroem práticas, definem costumes e ideias, corroborando para que algo seja entendido conforme determinado veículo de comunicação, no caso, as Histórias em Quadrinhos. Entender as representações existentes nas mesmas, neste sentido, contribuirá para que compreendamos algumas das formas que popularizaram o continente africano como exótico, selvagem e primitivo. Em outras palavras, como e de que maneira as revistas em quadrinhos contribuíram para cristalizar a ideia de uma África inviável e caótica? O trabalho de Anderson Oliva nos permite entender como as grandes revistas semanais, a exemplo de *Veja* e *Isto É*, contribuíram para a retroalimentação desta representação negativa (OLIVA, 2007). Este trabalho, nesse sentido, reivindica para as Histórias em Quadrinhos o estatuto de fonte válida e relevante para os historiadores compreenderem as sociedades e os indivíduos que as produziram.<sup>5</sup>

Privilegiarei as revistas do *Fantasma* (coleção de cinco volumes da EBAL), *Soldado Desconhecido* (coleção de vinte e cinco volumes da Vertigo) e *Tintim* (volume único, publicado pela Cia das Letras) enquanto caminho para construir este entendimento. Muitas são as possibilidades neste campo, seja no sentido de entender as representações construídas sobre o continente africano, seja na perspectiva de confrontá-las com a historiografia existente sobre a África, produzida por historiadores africanos ou africanistas (ou mesmo ambos).<sup>6</sup>

Independente das questões possíveis de serem levantadas, há que se considerar o fato de que este trabalho, por mais que tenha o continente africano como objeto, deve ser entendido como tendo o Brasil enquanto recorte espacial privilegiado, uma vez que objetiva

---

<sup>5</sup> As Histórias em Quadrinhos possuem mais de cem anos, desde o lançamento das primeiras tiras nos jornais norte americanos do final do século XIX. Há histórias sobre as mais diferentes situações e facetas possíveis de serem pensados nos mais diversos gêneros. Duas excelentes obras sobre as Histórias em Quadrinhos, que trazem informações sobre os personagens, autores e sociedades podem ser vistas em: (MOYA, 1977; GOIDANICH; KLEINERT, 2007).

<sup>6</sup> Uma excelente indicação sobre a história da África, produzida por historiadores deste continente, pode ser vista em: (M'BOKOLO, 2007; 2009). Outra excelente indicação, produzida por uma africanista, pode ser vista em: (HERNANDEZ, 2005).

entender como os leitores neste país recepcionaram as revistas em quadrinhos (acima citadas) que versaram diretamente sobre o continente africano. Trata-se, nesse sentido, de um estudo sobre as representações do continente africano no Brasil, que deve ser visto como parte de uma área de estudos que objetiva estabelecer o diálogo entre a História do continente africano e a forma como este é representado fora dele. Para além de quaisquer considerações possíveis de serem tecidas sobre estas questões, ressalto o fato de que a História da África não deve e não pode ser confundida com a História dos negros e negras do Brasil. Não há por que manter uma naturalização de questões que são pertinentes ao campo da cultura.

### **Tintin, Fantasma e Soldado Desconhecido: qual África representaram?**

O que há em comum entre um homem vestido com uma fantasia e mascarado, sempre acompanhado de seus fiéis animais (um cavalo que atende pelo nome de Herói, e um lobo, chamado Capeto), um jovem repórter que viaja pelo mundo desvendando mistérios e resolvendo problemas diversos e um acholi, recém chegado em seu país natal (Uganda), após ter crescido distante do mesmo, nos EUA? No geral, refiro-me a forma grosseira e estereotipada com que as histórias em quadrinhos destes personagens descreveram/representaram o continente africano nas páginas de suas revistas. Um aspecto em comum aos três personagens está no fato de que o continente africano é colocado como o lugar do outro, sempre dotado de problemas que negam sua viabilidade enquanto espaço possível para a constituição de civilizações autônomas. Algumas diferenças, entretanto, podem ser apontadas em suas histórias, seja sob a forma do desenho, roteiro, argumento ou cenário. Enquanto Fantasma e Tintim podem ser descritos como o elemento da ordem, a resposta do ocidente civilizado para o caos e a inviabilidade da selva, povoada por seus primitivos habitantes, tal qual outros personagens de Histórias em Quadrinhos, o Soldado Desconhecido deve ser entendido como um acholi que sai de Uganda e volta para ajudar seu país, depois de ter estudado e vivido nos Estados Unidos. Ainda assim o ocidente está presente como a resposta para os problemas da África, “lugar” onde as pessoas não conseguem viver sem a intervenção salvadora dos estrangeiros.

As histórias do Soldado Desconhecido, assim como as do Fantasma, tiveram o continente africano como cenário privilegiado. Ressalte-se, entretanto, que no caso do Fantasma, há outros

cenários em que o herói enfrenta bandidos e malfeitores de toda a ordem. Fantasma reside em um lugar descrito ora como África, ora Ásia, mas, grande parte de suas histórias possuem o continente africano como cenário central, sobretudo após os anos 1960. O Soldado Desconhecido possui como cenário privilegiado Uganda, país para onde Moses retorna após ter concluído seus estudos nos EUA. Tintim é um jornalista com ares de investigador. Ao contrário de Fantasma e do Soldado Desconhecido, teve o continente africano como cenário em apenas uma de suas histórias, narradas em vinte e quatro volumes.

### **Tintim: o jornalista - herói sem poderes atuando na África.**

Na revista Tintim no Congo (ou, Tintim na África, conforme a versão com que se esteja lidando) conhecemos um “lugar” (o continente africano) habitado por homens e mulheres primitivos, desprovidos da capacidade de raciocínio e inteligência.<sup>7</sup> Os africanos, nesta revista, foram representados como seres que não conheciam a tecnologia do ocidente (Leia-se Europa) e não possuíam a capacidade de se vestirem tal qual os seus colonizadores.

O título da aventura de Tintim, que teve o continente africano como cenário, já nos permite pensar em algumas questões relacionadas com os problemas existentes na narrativa, bem como nos quadrinhos e nas representações trazidas pelos mesmos. Tintim na África foi publicado no Brasil em 1970 pela Record, ao passo que Tintim no Congo tem seu ano de publicação em 2008, pela Companhia das Letras. Certamente os efeitos da mudança no título indicam a necessidade de uma maior especialização quanto à informação sobre o “local” que a aventura ocorre, além de zelo pela fidelidade ao original. Além disso, certamente uma revista que tivesse “Congo” como título não teria o mesmo apelo comercial perante a palavra “África”, isso, é claro, nos anos 1970. Devo insistir em afirmar que para o grande público a ideia de África como um “lugar” não é algo de todo estranho, mesmo nos dias atuais. A contracapa da edição de 2008 nos diz muito em relação às representações predominantes na revista em questão. Um leão escondido nos matos, à espreita do Tintim caçador, com espingarda à mão e trajando roupa de safári. Uma representação do europeu colonizador, disposto a dominar a natureza selvagem existente no continente africano. Tintim é uma espécie de “herói humano”. Não possui superpoderes ou coisas do tipo. Está sempre às voltas com bandidos de toda a espécie. Seu criador, Hergê, é apontado

---

<sup>7</sup> Sobre a História em Quadrinhos Tintim no Congo, ver: (PIEDADE FILHO, 2008; 2009)

como o “Walt Disney europeu”. Seu personagem viajou pelo mundo, indicando as representações existentes para diferentes povos, sempre em perspectivas não muito positivas. Nesta revista em questão, Tintim visita a antiga colônia belga na África, e entra em contato com os “africanos”.

Os “africanos” foram desenhados de formas grotescas, sempre na cor preta, com boca e olhos descomunais e desproporcionais ao corpo e rosto, mal vestidos e caricaturizados. Trata-se de uma representação bastante grosseira, quando comparada com outras revistas, a exemplo do Fantasma, que mesmo trazendo os “africanos” em desenhos toscos, não o fizeram com o tom indicado na história desenhada por Hergê, conforme o quadrinho abaixo:



8

Neste quadrinho observamos a representação criada pelo desenhista, mostrando a afirmação feita pelo rei, sem camisa e com a espada quebrada, e seu exército “equipado à europeia”. Eis os soldados “africanos”, segundo as páginas desta História em Quadrinhos. Os homens deste continente são preguiçosos, místicos e dotados de um pensamento “mágico”, em que a religião estava diretamente associada à magia e ao poder de operar milagres no cotidiano. Dependiam sempre da intervenção do europeu para resolver todo e qualquer tipo de problema, desde uma simples doença, até uma contenda ou briga quotidiana, conforme as imagens abaixo:



9

Nesta sequência de quadrinhos, observa-se Tintim “resolvendo” um problema criado por ele mesmo: o descarrilamento do trem. O herói nomeia o trem pelo barulho que este produz, indicando a forma infantilizadora com que o quadrinista constrói os diálogos entre os “africanos”

<sup>8</sup> (Tintim no Congo, 2008: 29).

<sup>9</sup> (Tintim no Congo, 2008: 20).

e o protagonista da história. Tintim os convoca para o trabalho. Um “africano” refuta o herói, afirmando que está cansado. O trabalho é algo dado para os europeus, sempre dispostos, ao passo que os africanos são representados como preguiçosos. As roupas destes mostram que além de indolentes, os “africanos” não conseguem se vestir tal qual seus colonizadores. Sua incapacidade é por demais exagerada na sequência abaixo, quando até um animal, no caso, Milu, o cachorro de Tintim, consegue “pensar” e agir de modo “racional”, mostrando-se mais inteligente e disposto do que os “africanos”:



10

Tintim, como bom europeu colonizador, lidera os africanos, organiza a resposta ao problema por ele causado e os convence a trabalhar. O quadrinho acima também nos mostra o quanto os africanos são dependentes dos seus colonizadores, além de incapazes, justificando os ideais consubstanciados no “fardo do homem branco”.<sup>11</sup> O quadrinho abaixo nos mostra outra mensagem que alude a inferioridade dos povos do continente africano. Conforme a placa, onde se lê “Proibido atravessar a linha sem autorização do chefe de estação”, percebe-se que até para atravessarem os trilhos do trem os “africanos” necessitam da ajuda de alguém treinado pelos europeus. Devem ficar condicionados às ordens do chefe de estação, o representante colonial do lugar. De forma sutil, há forte alusão aos mecanismos coloniais do governo colonial indireto, tomados como modelo pelos ingleses durante a colonização europeia no continente africano.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> A expressão “fardo do homem branco” foi bastante utilizada durante o período das invasões coloniais ao continente africano. De certa forma, serviu para justificá-las, encobrendo parte dos interesses que estavam por trás dos objetivos políticos e econômicos. Sobre estas questões, ver: (WESSELING, 1998; BOAHEN, 2010). Sobre a colonização belga no Congo, país visitado por Tintim, ver: (HOCHSCHILD, 1999).



12

As seqüências abaixo nos indicam outras representações estereotipadas dos “africanos”:



13

Após ter sido alçado ao lugar de soberano da “tribo dos bakanas”, Tintim inicia sua peregrinação entre seus “súditos”. Com a “tranquilidade típica” de um europeu, o herói vê uma briga entre dois “primitivos” africanos. Sua intervenção para separar os dois contendores é seguida de outra seqüência de quadrinhos que explica o motivo do conflito:



14

<sup>12</sup> (Tintim no Congo: 2008, 23). A colonização dos belgas no Congo foi uma das mais sangrentas possíveis. Foi descrita em um romance por Conrad (1999), indicando parte das atrocidades cometidas em nome da civilização. A colonização belga no Congo foi feita de forma direta.

<sup>13</sup> (Tintim no Congo: 2008, p. 27).

<sup>14</sup> Idem, ibidem.

As diferenças entre os vários povos do continente africano são, desta forma, sutilmente assim retratadas nesta História em Quadrinhos. “Quem começou a briga”? Infantilizando os adversários, Tintim decide o conflito com a calma que lhe é peculiar: divide em duas partes o chapéu roto e estragado, objeto da discórdia entre os dois africanos, e entrega um pedaço do mesmo para cada. Ambos saem felizes e proclamam a justiça do herói, que resolveu a questão com a máxima serenidade possível. Os quadrinhos de Hergê o denunciam perante suas representações. Mas, em que sociedade vivia este escritor e desenhista? A Bélgica do final dos anos 1920, momento em que Hergê produz a história em questão, certamente não teria muitos motivos para retratar de forma positiva os diferentes povos do continente africano. Certamente, poucos eram os indivíduos que atribuíam humanidade plena para os congolezes, algo que se reflete nos desenhos de nosso autor. Estes mostram a forma grosseira, rude, caricaturizada e estereotipada com que homens e mulheres foram retratados. Esta História em Quadrinhos foi, inclusive, objeto de ação judicial nos tribunais, belgas, mostrando o quanto rendeu (e ainda rende) polêmicas no país natal de Tintim.<sup>15</sup>

### **Fantasma: o herói das selvas que não possui superpoderes.**

Fantasma é o nome do personagem criado por Falk Lee e desenhado por Ray Moore em 1936. Na História em Quadrinhos, Fantasma é o herdeiro de uma linhagem em que sempre o primogênito toma o lugar do falecido, dando seguimento à promessa feita pelo primeiro Fantasma, que perante o crânio do assassino de seu pai jurou dedicar à vida no combate a pirataria e ao crime, sendo seguido pelos seus descendentes. Seus feitos são repassados de geração em geração entre os homens e suas histórias sempre o colocam como alguém que defende os mais fracos, bem como os animais das selvas, desde que estes não coloquem em risco a vida dos seres humanos.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> PESSOA Carlos. **Tribunal belga decidiu que Hergé não era racista e “Tintin no Congo” continuará nas livrarias.** 14/02/2012.

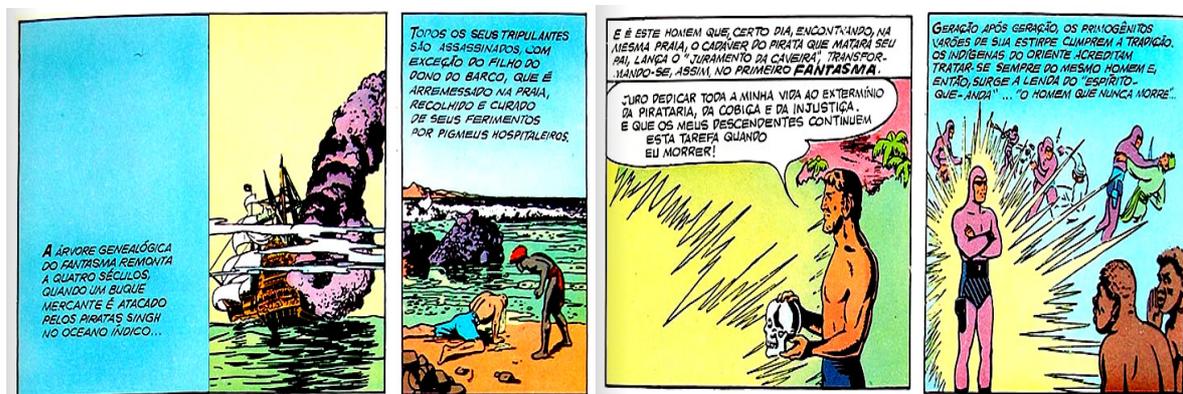
<http://www.publico.pt/cultura/noticia/tribunal-belga-decidiu-que-herge-nao-era-racista-e-tintin-no-congo-continuar-nas-livrarias-1533715>, acessado em 20/03/2013.

<sup>16</sup> Tarzan também pode ser apontado como um defensor dos animais e da floresta. Esta relação entre floresta/paisagem natural e o continente africano pode ser compreendida a partir da ideia de que os colonizadores europeus, ao longo do século XIX, construíram representações que relegaram à África a condição de estado natural, conforme indicação de Hegel (1985), que, dentre outras questões, apontou para este continente a ausência de transformações. Tanto Tarzan, como Fantasma, Jim das Selvas, Lothar e Tintim são indicações de que o continente africano foi, durante muito tempo, representado como uma grande selva, habitada por povos

É um homem “branco”, descendente de europeus, que vive resolvendo as querelas e contendas das “tribos” da África, sempre acompanhadas de seus fiéis animais e dos pigmeus bandar, temidos por suas flechas venenosas e únicos conhecedores do segredo de que Fantasma é um homem mortal.<sup>17</sup> Fantasma mora na Caverna da Caveira, localizada em Bangala (que em algumas revistas nos é apresentada como parte do continente africano, e em outras localiza-se na Ásia), tem filhos e uma esposa norte americana, chamada Diana Palmer.

É conhecido como “O Espírito que Anda” pelo fato dos “nativos” pertencentes as “tribos” africanas acreditarem que se trata de um homem que vive há mais de quatrocentos anos. A lenda de Fantasma, nesse sentido, remonta a ideia de uma sucessão de pais e filhos que ao longo dos anos combatem o crime e os mal feitores. Fantasma foi concebido em um contexto no qual os povos do continente africano viviam sob o jugo da colonização europeia. Os desenhos existentes nas suas histórias, em geral, mostram os homens e as mulheres vestidos com poucas roupas, quase sempre trajando uma tanga, portando armas “primitivas”, a exemplo da lança, faca e arco e flecha. Suas religiões eram um misto de “cultos primitivos”, regados à magia, consideradas inúteis e selvagens por nossa personagem em várias de suas aventuras. Fantasma garantia a paz entre as “tribos”, impedia que recorressem à guerra para resolverem seus problemas e afiançava os acordos, bem como o cumprimento destes. Sem ele, os “africanos” viveriam em meio às guerras e selvageria.

Os quadrinhos abaixo mostram a narrativa que deu origem ao herói Fantasma, o episódio do assassinato de seu pai e o juramento da caveira:



que viviam no estado natural. Não é a toa que ainda hoje, em grande parte das salas de aula e nas ruas em geral, os povos africanos sejam retratados pelo conceito de “tribos”. Sobre Tarzan, ver: (RIBEIRO, 2008).

<sup>17</sup> Para este trabalho estou tomando como objeto de análise as revistas do Fantasma existentes no site abaixo, disponível para download: <http://guiaebal.com/albumfantasma.html>



Ocidente, nada mais justo do que terem sido colonizados. Eis uma das muitas possibilidades de interpretação que um leitor destas revistas poderia chegar:



Em uma de suas muitas lutas contra os malfeitores, Fantasma ficou gravemente ferido. Necessitou da ajuda dos fiéis e inseparáveis pigmeus Bandar. E estes foram em seu socorro, guiados por Capeto, o lobo de Fantasma, para que seu dono fosse salvo. Após o resgate, prepararam um “culto primitivo” para espantar os demônios e se entregaram ao êxtase do corpo, típico das religiões “primitivas”:



O “africano” toca o tambor e emite sons estranhos, como se estivesse fora de si. E os “africanos” dançam de forma frenética, como se estivessem possuídos por espíritos. Estas representações certamente foram tomadas como semelhantes às que ainda hoje são atribuídas aos praticantes das religiões de terreiros no Brasil, dado as semelhanças sugeridas pela dança sob a forma de roda, além da alusão aos espíritos como causadores do mal. As representações estereotipadas das religiões existentes no continente africano são recorrentes não apenas nas Histórias em Quadrinhos do Fantasma, mas também nos filmes hollywoodianos, onde, na maioria das vezes, são associadas com o mal e a selvageria.

<sup>19</sup> Idem, p. 11.

<sup>20</sup> Idem, vol. IV, p. 11.

Estas imagens depreciativas das religiões existentes no continente africano foram uma constante nas edições das editoras já citadas. Quando nosso herói protagoniza alguma luta contra a “ignorância” existente nestas religiões, o faz em nome da luta pelo progresso e contra as crendices. Estas religiões, por sinal, não são eficientes, conforme a sequência de quadrinhos abaixo, que mostram o feiticeiro tomando uma decisão difícil e ao mesmo tempo dura: usar o fogo no corpo do herói, de modo que este tenha os maus espíritos retirados de seu corpo. Capeto, o lobo ajudante de nosso herói, intervém contra o “tratamento pouco científico” e é ameaçado pelas flechas dos primitivos pigmeus bandar. Fantasma, ao acordar, observa a situação e repreende os pigmeus por terem ameaçado Capeto. Pede que estes tragam um médico, posto que ele esteja precisando de “magia branca” e exige que a cerimônia seja encerrada:



21

Mais uma vez percebemos a forma pejorativa e estereotipada com que os povos do continente africano foram tratados. Aliás, grosso modo, mesmo em muitos trabalhos acadêmicos há também o apelo por algumas estereotípias, a exemplo da recorrência com que o continente africano é tratado com a perspectiva de lugar. A homogeneidade presente nos discursos que reduzem povos, línguas, costumes, práticas e religiões ao termo “africano” revela que mesmo entre os estudiosos há a presença das representações eivadas de estereotípias. Em relação aos quadrinhos acima, chama a atenção as mensagens sutis, a exemplo da que coloca os homens, no caso os pigmeus, como inferiores a um animal, que percebeu o perigo que Fantasma estava correndo com o tratamento “religioso” do fogo, como forma de “expulsar os demônios” do corpo do herói.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Idem, p. 12.

<sup>22</sup> As religiões sempre objeto de controvérsias entre os estudiosos do continente africano. Independente dos seus significados deve ser entendida como fenômeno humano, e, em alguns casos, elemento aglutinador na

As revistas do Fantasma tiveram uma mudança significativa nos seus traços à medida que os tempos mudavam. As edições publicadas nos anos 1990 pela Editora Globo atestam tais modificações. Os traços ganharam maior aprimoramento nas revistas publicadas pela Opera Graphica, nos anos 2000, e suas histórias ganharam maior complexidade, refletindo os novos tempos em que vivemos. As revistas do Fantasma não estão sendo publicadas por nenhuma editora no Brasil. Talvez este seja um sinal de que as mudanças que existiram nas revistas deste personagem não foram suficientes para que continuasse atraindo o interesse do público em geral.

### **O Soldado Desconhecido: a guerra e a guerra no continente africano.**

O Soldado Desconhecido é o nome do personagem de uma revista que foi publicada pelo selo Vertigo, originalmente entre os anos 2008 a 2010. Os roteiros foram escritos por Joshua Dysart e os desenhos são de autoria de Alberto Ponticelli. Posso afirmar, sem medo de errar, que O Soldado Desconhecido pode ser definido como fruto das novas tendências das revistas em quadrinhos contemporâneas. Contrastando com os exemplos anteriores, os personagens das histórias destas revistas possuem seus traços melhor definidos, fugindo das representações animais, rudes ou toscas, atribuídos aos homens e mulheres do continente africano. Os autores destas revistas tiveram o cuidado de ir em busca das informações específicas sobre o contexto e a história do lugar que serve de cenário para a narrativa. Por mais que se apresentem críticas sobre as Histórias em Quadrinhos deste personagem, a exemplo de serem as mesmas o resultado de uma espécie de “consciência de culpa” do ocidente, impotente em “resolver os problemas dos africanos”, devem ser ressaltadas as diferenças entre os desenhos e roteiros deste personagem e os que foram descritos anteriormente.

A história narra a vida de um homem, Moses Lwanga, que aos sete anos de idade foge de seu país, junto com seus pais, para os EUA, em virtude dos conflitos que Uganda enfrentava a época em que Idi Amin Dadá era o governante. Nos EUA Moses estuda medicina e vive uma vida “normal”, sem guerras e conflitos. Retorna para o seu país em fins dos anos 1990, casado com a também médica e ugandense Sera Lwanga. O propósito de ambos, conforme as palavras de Moses no primeiro número da revista, é a reconstrução do país, que ainda vive um conflito entre o

---

manutenção dos valores e identidades, conforme nos mostra o romance de Achebe (2011), que narra a história de um sacerdote religioso, em meio aos conflitos da colonização europeia.

exército nacional e o movimento rebelde denominado LRA (Exército de Resistência do Senhor). Joseph Kony, se intitula líder a serviço de Cristo, e luta para implantar um regime teocrático no país. Sua principal forma de recrutamento dos soldados para o seu exército é a captura de jovens e crianças. Este fato gerou fortes movimentos de oposição ao seu movimento em âmbito mundial, e tem chamado a atenção devido aos transtornos causados ao país ao longo dos anos 2000.

Esta História em Quadrinhos tem como principal fato a transformação do médico Moses Lwanga no Soldado Desconhecido. Diante dos constantes atos de violência e assassinatos que presencia, Moses se vê em meio a um conflito entre sua consciência e uma voz interior, que lhe faz provocar o desfiguramento de seu rosto. A revista gira em torno da ação deste personagem, que vive em meio a guerra contra o LRA e as suas lembranças da época em que viveu nos Estados Unidos. No que tange ao fato das histórias terem grande número de informações sobre os povos e a região, há que se considerar alguns aspectos muito problemáticos, que fazem desta revista mais um instrumento eivado de representações negativas sobre o continente africano e os povos que o habitam. Por mais que seus autores tenham empreendido esforços no sentido de buscarem informações sobre os conflitos, bem como os povos que vivem em Uganda, alguns trechos das histórias apresentam, mesmo que de forma sutil, os norte americanos e os EUA como superiores ao ambiente descrito, conforme o quadrinho abaixo:



A representação clássica de uma sociedade posta como superior, sem guerras e conflitos é uma constante nos filmes hollywoodianos que possuem o continente africano como foco. O quadrinho acima tematiza essa questão, naturalizando uma realidade circunstancial, enfatizando o clichê de que os EUA são superiores em termos de civilização e economia, quando comparados com Uganda, lugar

inviável e caótico.<sup>23</sup> Os clichês e as estereotípias estão presentes ao longo das páginas desta História em Quadrinhos. Além do desprezo que se atribui para a história do povos deste país, a revista sugere, de forma sutil, que o passado nada vale, e que o continente é um palco de sucessivas catástrofes:



Os acontecimentos feitos pelos homens e mulheres deste continente, no período anterior à chegada dos europeus, não possui nenhum valor. A imagens recorrentes, que justificam a existência da revista e que garantem a venda continuam as mesmas: guerra, desastres, mortes, homens e crianças armadas... São reforçados os argumentos que apresentam os europeus e norte americanos como superiores aos africanos, isso em meio a uma trama e narrativas construídas em páginas dotadas de grande número de informações sobre o continente africano. O leitor dificilmente se questionará a respeito destas imagens, pois elas são verídicas, conforme as notícias dos jornais, os filmes, as revistas semanais... A África é uma grande desastre, inviável e caótica, eis algumas das representações possíveis para alguém que se vê diante das páginas desta revista:



<sup>23</sup> Um excelente trabalho sobre O Soldado Desconhecido pode ser visto em (TÁBATA. 2013). Em aos filmes hollywoodianos e o continente africano, ver: (SANTOS, 2013).

<sup>24</sup> Soldado Desconhecido, vol 06, p. 17.

<sup>25</sup> Soldado Desconhecido, vol 06, p. 07.

Guerra, sangue, mortes... Esta é o cenário principal desta História em Quadrinhos. O Soldado Desconhecido tematizou a guerra em Uganda, como se o continente em que este país está inserido tivesse o conflito como algo natural. Mas, afinal de contas, o que justifica representar um continente sob as constantes estereótipos baseadas na guerra, doenças, fome e miséria? Ao que me parece, esta História em Quadrinhos se insere no contexto da consciência culpada do Ocidente, que se mostra “interessada em ajudar a África”, mas que não consegue empreender um esforço no sentido de melhor compreender os povos e suas histórias.

### **Conclusão: História a partir das Histórias em Quadrinhos.**

As Histórias em Quadrinhos possuem imenso poder no que diz respeito à propagação de representações. Sugerem cenários, opiniões, contextos e “verdades” que nem sempre correspondem às realidades que descrevem. E formam consciências, uma vez que seus leitores reproduzem as informações que absorvem. Fantasma, Tintim e O Soldado Desconhecido são apenas alguns dos muitos exemplos de personagens que tiveram o continente africano como cenário de suas histórias e aventuras. A insistência nas representações estereotipadas deve servir como questão para pensar sobre a importância e as possibilidades das Histórias em Quadrinhos como fonte para os historiadores. Elas trazem diferentes marcas, o que me faz pensar em indagar sobre a existência de liames entre as histórias em quadrinhos e a forma como as pessoas pensam na atualidade.

### **Referências bibliográficas:**

- ACHEBE, Chinua. **A flecha de deus**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- BOAHEN, Albert Adu (Org). **História Geral da África, vol. VII - África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO/ MEC, 2010.
- CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CONRAD, Joseph. **O coração das trevas**. Mem Martins: Europa América, 1999.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial. Princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre: L P & M Editores, 2007.

- HEGEL, Wilhelm Friedrich. **Introdução à história da filosofia – Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula. Visita à História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- M'BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações - do século XIX aos nossos dias**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- M'BOKOLO, Elikia. **África negra. História e civilizações – tomo I (até o século XVIII)**. Salvador/São Paulo: Editora da UFBA/Casa das Áfricas, 2009.
- MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos. Os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.
- MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos. História, criação, desenho, animação e roteiro**. São Paulo: M. Books do Brasil, S/D.
- MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos. Como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1986.
- MOYA, Álvaro. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **Lições sobre a África. Diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico. (1990 – 2005)**. Brasília: UNB, Tese de doutorado, 2007.
- PIEIDADE FILHO, Lúcio De Franciscis dos Reis. A África que Tintim viu: metáforas da superioridade europeia, estereótipos raciais e destruição das culturas nativas em uma desventura belga. **Estudos em Comunicação**, n. 6, dez 2009, 349-368.
- PIEIDADE FILHO, Lúcio De Franciscis dos Reis. O imperialismo e a representação do Congo em Tintim na África. **História em Reflexão**, vol 2, n. 4 , jul/dez 2008.
- RIBEIRO, Marcelo Rodrigues Souza. **A economia política do nome de 'África': a filmografia de Tarzan**. Florianópolis, Dissertação de mestrado em Antropologia, UFSC, 2008.
- SANTOS, Stella Mayse Sampaio dos. O que sabemos sobre Ruanda? Massacres e “conflitos tribais” nos cinemas. **Anais da I Semana de História da UNEB**, campus XIV. Conceição do Coité, 2013.
- SILVA, Nadilson Manoel da. **Fantasia e cotidiano nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Annablume, 2002.

TÁBATA, Sileimar Teles Andrade. África em quadrinhos: Uganda e O Soldado Desconhecido. **Anais da I Semana de História da UNEB**, campus XIV. Conceição do Coité, 2013.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Muito além dos quadrinhos. Análises e reflexões sobre a 9ª Arte**. São Paulo: Devir, 2009.

WESSELING, H. L. **Dividir para dominar - A partilha da África 1880 – 1914**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora Revan, 1998.